



A INFLUÊNCIA DA *NETWORK* SOBRE A DECISÃO DE INVESTIMENTO EM PROGRAMAS DE MOBILIDADE ACADÊMICA

Claudia Cristiane Dos Santos Silva
Manolita Correia Lima

RESUMO: O presente artigo objetiva o entendimento sobre o que mobiliza estudantes estrangeiros a procurarem instituições de educação superior brasileiras, para realizar um período de estudo, no contexto do programa de intercâmbio internacional espontâneo e de médio prazo (um semestre acadêmico). Avançar na compreensão da mobilidade acadêmica se torna imprescindível à medida que esse fenômeno ocupa crescente espaço no cenário da internacionalização da educação superior. Na expectativa de ampliar o escopo de investigação sobre o fenômeno, nesse estudo de caráter exploratório, o material empírico coletado por meio de entrevistas semi-estruturadas foi interpretado sob a perspectiva da teoria de *network*. Coerentemente com a escolha teórica, procuraram-se indícios que associassem ou não a presença desses estudantes aos contatos sociais que eles estabeleceram previamente. Os resultados revelaram que todos os estudantes entrevistados tiveram alguma interação com brasileiros, antes de realizar um intercâmbio acadêmico no Brasil e isso influenciou sobremaneira a sua decisão de viver uma temporada no País e estudar em uma instituição brasileira durante um semestre.

PALAVRAS-CHAVE: Internacionalização da educação superior, mobilidade acadêmica internacional, motivações da mobilidade acadêmica, teoria de *network*.

1 INTRODUÇÃO – CONTEXTUALIZAÇÃO E DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS

As investigações acerca das estratégias de internacionalização das organizações foram intensificadas na medida em que as empresas avançavam na busca por novos mercados, fora de seu país de origem. O processo de internacionalização de uma empresa ocorre quando ela passa a explorar mercados estrangeiros. Esse processo pode acontecer de diferentes maneiras, ou seja, desde uma simples exportação, passando pelo licenciamento, até a instalação de uma subsidiária em outro país. Os inúmeros elementos envolvidos com o fenômeno foram observados e retratados por estudiosos que formularam teorias capazes de explicar a internacionalização das empresas. Essas teorias podem ser classificadas em dois grupos, o das teorias econômicas, da qual fazem parte a teoria da internalização, dos custos de transação, o paradigma eclético e a organização industrial; e as comportamentais que contemplam a Escola de Uppsala, teoria das redes, estratégia de negócios e *born globals* (BORINI *et al.*, 2006).

A formulação de teorias sobre as empresas multinacionais é relativamente recente. Até 1960, encontrava-se no meio acadêmico uma literatura cujo conteúdo reunia observações acerca das práticas de empresas bem sucedidas. No pós-guerra, as empresas multinacionais passam a se multiplicar e a influírem sobremaneira no cenário dos negócios internacionais. Não seria exagero afirmar que a globalização na qual se vive contemporaneamente, teve a sua base constituída no final da Segunda Guerra Mundial.

Em meio aos programas de reconstrução fomentados por agência multilaterais e instituições econômicas internacionais, o comércio internacional aumentou de forma expressiva. Tradicionalmente, esse comércio limitava-se a mercadorias. Atualmente, observa-se a ampliação do comércio internacional, com destaque para categoria de serviços como transporte, viagens e turismo (MARIOTO, 2007). Sob esta perspectiva, pode-se incluir a área educacional, mais precisamente, a educação superior. Apesar de as universidades da Europa medieval, desde a sua origem, serem instituições interterritoriais, quando atraía estudantes e professores de distintas regiões, foi também no pós-guerra que a internacionalização do ensino superior se intensificou (GARCÍA-GUADILLA, 2005). Isso pode ser observado pelo aumento da mobilidade de estudantes, professores, programas e fornecedores, fomentado por um mundo cada vez mais integrado no plano econômico (ALTBACH; KNIGHT, 2006).

Nesse contexto, a livre circulação de capitais, bens e serviços, proporciona uma crescente demanda por educação e formação internacional. Com economias cada vez mais conectadas, a demanda por profissionais com competências internacionais, necessárias para operar em uma economia global, torna-se cada vez maior. Uma forma de ampliar essas competências e o conhecimento sobre outras culturas e outras línguas pode ser por meio de um período de estudo em instituições de ensino superior, fora do país de origem.

Apesar de a internacionalização do ensino superior se constituir uma realidade, a investigação deste fenômeno ainda é recente e seus contornos ainda não estão claramente definidos (ALTBACH; KNIGHT, 2006). Tendo em vista a multidisciplinaridade do processo de internacionalização do ensino superior, distintas áreas de conhecimento (antropologia, sociologia, economia, psicologia, engenharia, entre outras) contribuem para a formação do aporte teórico no sentido da compreensão desse fenômeno. Todavia, ainda não há teorias consolidadas que expliquem a internacionalização da educação superior, tampouco o seu principal elemento, a mobilidade acadêmica (MURPHY-LEJEUNE *apud* VIEIRA, 2008).

Diante desse cenário, o objetivo deste artigo reside em buscar evidências, à luz da teoria de *network*, sobre o porquê os estudantes escolhem, para um período de estudos fora do seu país de origem, uma instituição de ensino superior brasileira. Quais são as referências sobre o Brasil e sobre a instituição escolhida? Foram influenciados por alguém, no que concerne a escolha pelo Brasil? Pretendem voltar depois de concluir o intercâmbio? Partindo desse referencial teórico (teoria de *network*) e da problematização descrita, a discussão será

estruturada em mais quatro seções. A segunda tratará da metodologia empregada, ao passo que a terceira desenhará um panorama acerca da mobilidade acadêmica e a quarta reunirá os materiais empíricos coletados, para finalmente organizar os achados nas considerações finais.

2 DESCRIÇÃO DOS ASPECTOS METODOLÓGICOS EXPLORADOS

Este artigo resulta de uma investigação de caráter exploratório, orientada por uma abordagem de cunho qualitativo na medida em que está orientada para exercícios interpretativos. Para tanto, foram realizadas entrevistas em profundidade. Apesar de guiadas por um roteiro semi estruturado, tendo a literatura consultada como suporte, ele serviu apenas de âncora para as perguntas que seriam pormenorizadas em consonância com as respostas desenvolvidas por cada um dos intercambistas entrevistados. A razão de ser do referido roteiro consistiu em apoiar o entrevistador no sentido de recordar as questões chave no decorrer da entrevista (GODOI; MATTOS, 2006). A escolha dessa técnica de coleta de materiais ('entre – vistas') está em consonância com a abordagem metodológica escolhida uma vez que privilegia a expressão verbal com o objetivo de compreender a realidade na perspectiva dos atores sociais diretamente envolvidos com o fenômeno investigado. Dessa forma, a pesquisa pode se beneficiar do acesso direto às opiniões bem como às crenças, valores e significados que os entrevistados atribuem a si e aos outros (FRASER; GONDIM, 2004).

Elas foram realizadas em maio de 2011, na instituição de educação superior que acolheu os estudantes internacionais. Foram conduzidas individualmente e tiveram duração aproximada de uma hora, cada. Frente à visível disponibilidade dos entrevistados, as questões foram exaustivamente aprofundadas.

O *corpus* da pesquisa é formado por cinco estudantes estrangeiros que participavam de um programa de intercâmbio acadêmico espontâneo, de média duração (um semestre acadêmico) em uma instituição de ensino superior localizada na cidade de São Paulo. Os entrevistados eram provenientes de países com forte tradição em mobilidade ativa, ou seja, países que tem reconhecida tradição no acolhimento de estudantes internacionais: Alemanha, Áustria, Chile, França, e Holanda. No período em que as entrevistas foram realizadas eles se encontravam há mais de três meses no Brasil e na instituição educacional brasileira. Consequentemente, já se encontravam relativamente ambientados com a cidade, as pessoas, e a língua portuguesa. Um aspecto que explicita a afirmativa, reside no fato de o diálogo ter sido estabelecido em português, com três, dos cinco entrevistados. O total de estudantes entrevistados formava a população de intercambistas, na instituição, naquele semestre. Destaca-se que o número de entrevistados não foi o critério determinante nesse processo, mas a possibilidade de descobrir e compreender os diferentes aspectos presentes no contexto da mobilidade acadêmica (FRASER; GONDIM, 2004). Desta forma, não houve seleção e sim contato presencial com todos eles.

As dezessete questões que deram forma ao roteiro objetivaram dispor de materiais que permitissem a elaboração do perfil dos intercambistas, a compreensão das motivações que determinaram a escolha pelo Brasil e pela instituição de ensino, além da identificação de uma potencial intenção em retornar ao País quando concluído o intercâmbio. O referencial teórico deriva da leitura de autores que vem se destacando na investigação da internacionalização da educação superior e daqueles que se dedicam ao estudo das redes (*networks*). Os dados estatísticos explorados para situar a discussão derivam de documentos publicados pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE (*Education at a glance 2010, OECD Indicators*) e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO (*Compendio Mundial de la Educación 2009*). A partir das leituras dos textos acadêmicos e das próprias entrevistas, foi possível formular as categorias para posterior análise qualitativa das informações.

3 UM PANORAMA SOBRE A MOBILIDADE ACADÊMICA

Vive-se em um mundo cujas dimensões parecem delinear-se constantemente, apresentando diferentes contornos seja do ponto de vista geográfico, seja sob a perspectiva social. Esse fenômeno não é recente, todavia, parece ter sido acelerado sobremaneira em razão da globalização, intensificada no pós-guerra. A ampliação das possibilidades de conexões com os mais longínquos espaços e culturas, expôs potencialidades para os negócios e para a sociedade. Nessa direção, abriram-se perspectivas também para a área da educação, reconhecida por uma Europa que se viu arrasada e fragmentada após a Segunda Guerra Mundial, como área estratégica para o desenvolvimento social e econômico do continente. Sob essa perspectiva, o continente passou a buscar sua integração por meio da educação superior como tática para o desenvolvimento europeu (AZEVEDO, 2007).

O estabelecimento de políticas públicas internacionais que possibilitassem uma estruturação dos diversos eventos envolvidos na área de educação culminou no Tratado de Bolonha. O principal objetivo do referido tratado reside em promover a unificação dos currículos e a partir disso, estimular a mobilidade internacional dos estudantes. Essa política tem a sua origem no esforço de interações constituídas no plano internacional, todavia sua implementação dependente das ações nacionais dos Estados participantes. Dessa forma, configura-se como uma política pública que se desenvolve para além dos limites nacionais do Estado. Na evolução desse processo, há mútua influência entre diversos agentes, tais como estatais, não governamentais, organismos internacionais e demais atores sociais (FRONZAGLIA, 2011).

Tratados como esse favoreceram a circulação de estudantes europeus, contribuindo para um sentimento de pertencimento à União Europeia na medida em que as bases de uma 'Europa do Conhecimento' eram arquitetadas. Nesse sentido, o programa Erasmus desempenhou um papel fundamental e de vanguarda, tanto que o texto do Tratado de Bolonha foi inspirado no referido programa. Os estudantes das universidades européias tiveram sua mobilidade facilitada pelos acordos bilaterais entre as universidades integrantes do programa. Dada essa circunstância, atualmente, o programa Erasmus é reconhecido, tanto na esfera social, quanto nos ambientes políticos e acadêmicos (LIMA; SILVA, 2010).

Pode-se dimensionar o impacto do programa, criado em 1987, por meio dos números. Desde a criação, mais de 2,2 milhões de estudantes participaram do programa, cujo orçamento anual é superior a 450 milhões de euros. Vale destacar que o programa também contempla professores do ensino superior, bem como representantes da administração acadêmica. Atualmente, envolve mais de 4.000 instituições de ensino superior, localizadas em 33 países.ⁱ Percebe-se que a mobilidade de pessoas enseja a internacionalização de programas e instituições, uma vez que atrair pessoas e despertar interesse por programas e instituições fortalece o sistema acadêmico, e isso pode se traduzir em poder político e econômico (LIMA; MARANHÃO, 2009).

O ensino superior, no que concerne ao desempenho de um papel relevante na educação mundial, tem assumido diferentes adjacências. Os motivos são os mais diversos: o desenvolvimento das comunicações; os avanços tecnológicos; a mobilidade internacional do trabalho; maior ênfase na economia de mercado e na liberdade comercial; o aumento do investimento privado; a redução dos recursos públicos para a educação; a crescente importância da aprendizagem como um processo contínuo são exemplos do que se deseja ressaltar. Ao mesmo tempo em que a educação internacional torna-se mais importante, apresenta-se mais complexa (KNIGHT, 2005). Observa-se esta complexidade na própria definição do conceito de internacionalização do ensino superior. Dada a pluralidade do fenômeno, o conceito pode significar coisas diferentes para diferentes pessoas, assumindo um

ⁱ http://ec.europa.eu/education/lifelong-learning-programme/doc80_en.htm (consultado em maio de 2011).

caráter marcadamente polissêmico. Para uns, está relacionada à mobilidade acadêmica de estudantes e professores, para outros, pode significar a entrega da educação para outros países por meio de novos tipos de arranjos. Há ainda, os que vêem como projetos de desenvolvimento internacional onde o principal objetivo é intensificar o comércio de ensino superior por meio da internacionalização. Para De Witt (apud KNIGHT, 2005, p.12):

As the international dimension of higher education gains more attention and recognition, people tend to use it in the way that best suits their purpose. While one can understand this happening, it is not helpful for internationalization to become a catch-all phrase for everything and anything international. A more focused definition is necessary if it is to be understood and treated with the importance that it deserves. Even if there is not agreement on a precise definition, internationalization needs to have parameters if it is to be assessed and to advance higher education. This is why the use of a working definition in combination with a conceptual framework for internationalization of higher education is relevant.

Diante desse cenário, a mobilidade dos estudantes para além das fronteiras é o principal elemento da internacionalização do ensino superior. Tem significado político e econômico, além de conseqüências acadêmicas, sendo esperado vultoso crescimento nos próximos anos. As forças de mercado desempenham papel efetivo no aumento da demanda por um período de estudos no exterior. Muitos estudantes se dirigem para o exterior com recursos próprios, de forma espontânea. Sem a mediação dos acordos entre as universidades ou auxílio do governo, podendo assumir características comerciais.

Dessa forma, nota-se que a mobilidade internacional dos estudantes não só contribui para a internacionalização das instituições, como da perspectiva do estudante pode impactar sobre oportunidades profissionais (LI; BRAY, 2007). Por essa ótica, a procura por intercâmbios acadêmicos cresce à medida que a experiência internacional é socialmente valorizada. Um traço de distinção na medida em que promove a aprendizagem de línguas a partir da exposição diária ao idioma e a todo ambiente intercultural que uma experiência dessa natureza propicia (LIMA; CONTEL, 2008). Em artigo intitulado Fronteiras desafiadas: a internacionalização das experiências escolares, Nogueira, Aguiar e Ramos (2008, p.371) advertem que:

(...) o crescimento das taxas de escolarização e o acesso de novos públicos aos níveis mais elevados do sistema de ensino acarretam uma desvalorização dos certificados escolares (a chamada 'inflação de diplomas'). Em decorrência, os antigos detentores desses bens tenderão a deslocar suas estratégias escolares seja em direção a níveis cada vez mais altos do sistema escolar (estudos de graduação, pós-graduação etc.), seja em direção a estabelecimentos, ramos de ensino ou tipos de escolarização mais seletivos ou mais raros (estabelecimentos de excelência, escolas internacionais ou bilíngües, estudos no exterior etc.), dos quais procurarão deter a exclusividade.

Compreender esse movimento e seus significados, seja sob a perspectiva acadêmica, econômica ou governamental, envolve questões que passam pela definição de mobilidade acadêmica. Os desafios no tocante a essa definição, reverbera na medida em que aferir a sua evolução é ainda mais complexo. Comparar os dados relativos ao número total de estudantes em mobilidade na Europa, por exemplo, é um exercício extremamente difícil. Provavelmente, essa dificuldade esteja relacionada às diversas formas de definir mobilidade, incluindo as definições de um estudante móvel (tais como nacionalidade estrangeira na graduação, país estrangeiro da educação prévia, país estrangeiro de residência etc.). Outro desafio refere-se aos diferentes calendários de coleta de dados respeitados pelas principais agências de coleta: Eurostudent, EUROSTAT, EURYDICE, UOE, ECOTEC, ACA (ESU, 2010).

Todavia, ainda que não seja possível precisar o número exato de estudantes fora do seu país de origem, em 2008, mais 3.3 milhões estavam matriculados no ensino superior em uma instituição no exterior. Isso representava um crescimento de 11% em relação ao ano

anterior. De acordo com o relatório da UNESCO, publicado em 2009, a China corresponde ao país que mais enviou estudantes para o estrangeiro em 2007 (421.000), seguido da Índia (153.300) e da República de Coreia (105.300). Entre os países que mais acolheram estudantes estrangeiros no mesmo período estão os Estados Unidos (595.000), seguidos do Reino Unido (351.500), França (246.600), Austrália (211.500), Alemanha (206.900) (UNESCO, 2009) – juntos, esses cinco países acolheram mais de 50% do conjunto de estudantes estrangeiros em mobilidade (OECD, 2010).

Diante desse panorama, há de perguntar: levando em conta esse cenário, qual seria a relevância internacional que a educação superior brasileira conquistou? Segundo dados da OCDE, publicado em 2010, o Brasil enviou para o exterior 23.410 estudantes. Os principais destinos desses estudantes foram: Estados Unidos da América (7.586), França (2.941), Portugal (2.204), Alemanha (1.878) e Espanha (1.337), respectivamente. Contudo, considerando a metodologia de pesquisa adotada pela Unesco e pela OCDE, o País não aparece no relatório das referidas agências como país acolhedor de estudantes internacionais pelo fato de receber um número inferior a 1.000 intercambistas internacionais no período.

Diante do exposto, observa-se um descompasso entre o número de estudantes brasileiros que buscam por experiência acadêmica no exterior e o número de estudantes estrangeiros que o País e respectivas instituições de ensino superior atraem. Nos países centrais, a inserção educacional se manifesta de forma ativa, em virtude da implantação de políticas de Estado que objetivam atrair estudantes estrangeiros e comercializar produtos educacionais (LIMA; MARANHÃO, 2009). Todavia, ainda que não engrossem os dados oficiais, diversas universidades brasileiras acolhem estudantes estrangeiros por meio de acordos bilaterais com universidades do exterior. E assim, as universidades brasileiras vêm se internacionalizando de duas formas: no que tange a instituições privadas, por meio de acordos bilaterais, fusões e aquisições; e no que tange às instituições públicas pelos projetos liderados por órgãos vinculados ao Ministério da Educação, capazes de estimular a mobilidade acadêmica de estudantes, professores e pesquisadores. Evidência disso é a recente divulgação do programa ‘Ciência sem Fronteira’, cujo compromisso público reside em conceder 75 mil bolsas de estudo até 2014 para estudantes, professores e pesquisadores brasileiros que tenham interesse e condições acadêmicas de realizar a sua formação ou desenvolver projetos de pesquisa no exterior, naquelas áreas requeridas pelo setor produtivo do País. Esse número pode chegar a cem mil bolsas, caso o setor privado colabore, como deseja a atual presidente do Brasil (BEIRÃO, 2011).

4 A NETWORK NO CONTEXTO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

Na modernidade, o desenvolvimento acelerado das mais diversas instâncias, trouxe consigo uma série de possibilidades e facilidades que proporcionaram o crescimento de equipamentos e ofertas de bens e serviços inimagináveis há alguns anos. O impacto de algumas áreas como, por exemplo, a tecnologia foi capaz de alterar a forma como pensamos o mundo, geográfica e politicamente. A tecnologia que revolucionou os meios de transporte e comunicação subverteu a noção de tempo e espaço na medida em que encurtou distâncias, viabilizou deslocamento físico e virtual para as mais diversas e longínquas partes do globo terrestre, além de permitir rápido acesso à informação (GIDDENS, 1991). Na mesma trilha Ianni (2002, p.249) escreve,

As noções de espaço e tempo, fundamentais para todas as ciências sociais, estão sendo revolucionadas pelos desenvolvimentos científicos e tecnológicos incorporados e dinamizados pelos movimentos da sociedade global. [...] As redes de articulações e as alianças estratégicas de empresas, corporações, conglomerados, fundações, centros e institutos de pesquisas, universidades, igrejas, partidos, sindicatos, governos, meios de comunicação impressa e eletrônica, tudo isso

constitui e desenvolve tecidos que agilizam relações, processos e estruturas, espaços e tempos, geografias e histórias.

No âmbito dos negócios, essas transformações se refletem de diversas maneiras. No tocante à internacionalização das empresas, várias teorias se prestam a elucidar o fenômeno da internacionalização. Na perspectiva de uma sociedade em rede, a teoria de *network*, difundida pela escola de Uppsala, possivelmente seja uma das mais contributivas para o exercício de compreensão do processo de internacionalização das empresas. Sobre isso, Marioto (2007 p.36-37) esclarece que,

A observação de que as firmas relacionam-se entre si por meio de ligações entre pessoas e não só pelas transações impessoais de mercado levou alguns pesquisadores a estudar as redes de relacionamentos entre empresas. Essas redes também existem no caso de empresas multinacionais ou que desejam se tornar multinacionais (...). A rede pode canalizar para a firma informações sobre oportunidades no mercado estrangeiro ou então as firmas da rede podem puxar a empresa para o mercado externo.

A teoria de *network* integra o grupo de teorias comportamentais que, do ponto de vista da empresa multinacional, explora as relações não somente entre matriz e subsidiárias, mas também as relações entre clientes e fornecedores, bem como seu impacto na empresa e suas adjacências. Por meio da *network* social, a empresa pode ter acesso a recursos fora das fronteiras da organização, tais como bens, serviços e inovação (ANDERSSON; FORSGREN; HOLM, 2002).

Apropriando-se desse entendimento, até que ponto poder-se-ia inferir que na perspectiva da internacionalização da educação superior as redes de relacionamento contribuiriam para a mobilidade dos estudantes? Na tentativa de encontrar pistas que contribuam para o aprofundamento de estudos na área de internacionalização da educação superior em geral e da mobilidade de acadêmica em particular; compreender os motivos pelos quais estudantes buscam um período de estudos fora do país de origem pode ser particularmente importante, tendo em vista que o crescimento vertiginoso dessa mobilidade corresponde ao lado mais visível do fenômeno.

É com essa intenção que para a realização desse estudo exploratório, estudantes estrangeiros foram convidados a discorrer sobre as suas experiências como intercâmbistas no Brasil. O material coletado resulta das entrevistas e será analisado à luz da teoria de *network*. Sob essa perspectiva, a teoria poderá fornecer subsídios no sentido de amparar as interpretações das informações onde se almeja compreender os motivos que levaram cinco estudantes estrangeiros a escolher uma instituição de ensino brasileira, para a realização de um período de estudos com duração de um semestre acadêmico.

É importante esclarecer que o conceito de *network* será utilizado não sob a perspectiva da instituição de educação superior, porém em outro nível de análise, o do estudante. Sobre a internacionalização das instituições de educação superior, Batista refere-se à *network* como uma tendência nos acordos bilaterais, onde unidades acadêmicas (departamentos, escolas e instituições) conectam-se orientadas por múltiplos propósitos, sejam eles acadêmicos, administrativos (BATISTA, 2009), ou comerciais. Contudo, na literatura consultada não se localizou autores que elucidassem a mobilidade acadêmica na perspectiva da *network* de estudantes.

Reitera-se que nos limites desse texto, a teoria de *network* passa pelo deslocamento do conceito em razão da alteração no nível de análise. Todavia, a colocação apropriada de conceitos pode proporcionar um meio profuso no tocante ao alcance da compreensão e pode ainda, levar à formulação de uma lógica da descoberta. Pode-se mencionar como benefício desta adaptação, a ampliação das possibilidades de extrapolação da teoria de *network* por

outras áreas, representando dessa forma, o fortalecimento e a ampliação da teoria (RAMOS, 1981).

4.1 Estudantes Móveis

Viver uma experiência internacional, do ponto de vista do estudante, pode conferir um *status* traduzido em aquisição do tão valorizado capital de mobilidade. A busca por uma formação cultural ampla e o domínio de outros idiomas pode lhe diferenciar diante de outros jovens com similar formação universitária. Para Mazza (2009, p. 523),

A tendência contemporânea de intensificação do fluxo internacional de bens, serviços, capitais, informações tem ressonância no campo da mobilidade de pessoas e práticas e das ofertas e demandas educacionais. A experiência internacional vem se apresentando como componente importante para a análise dos sistemas nacionais de educação, as estratégias familiares de diferenciação no mercado de diplomas e a formação de setores profissionais.

A escolha do local para a realização de um período de estudos pode resultar do uso de distintos critérios. Uma universidade tradicional e academicamente respeitada, um país sem problemas com infraestrutura social e que possa proporcionar segurança aos estudantes e tranquilidade aos pais, bem como atrativos naturais e culturais. Esses parecem, em um primeiro momento, compor o ambiente ideal para um estudante viver plenamente a experiência de intercâmbio. A demanda por essa experiência ressoa nas políticas de captação de estudantes estrangeiros, instituída em países com tradição na atração de estudantes – Estados Unidos, Reino Unido, França, Alemanha, Austrália, Japão, Canadá, e Nova Zelândia, por exemplo.

A captação de estudantes tornou-se relevante na medida em que passou a representar um fator significativo não só para a receita institucional, mas para a instância econômica nacional. Nesse sentido, cada vez mais, o ensino superior torna-se parte do processo de globalização no que corresponde a oferta e demanda dos serviços educacionais para além das suas fronteiras. Sob a perspectiva acadêmica, um dos argumentos para a internacionalização do ensino superior pode ser a inserção nos padrões acadêmicos internacionais, no tocante ao ensino e à pesquisa. Não obstante, essa premissa parece ancorada à suposição de que a missão da instituição é de se internacionalizar e não apenas um esforço marginal (QIANG, 2003).

Na perspectiva de uma internacionalização passiva, em desenvolvimento nos países periféricos com o incremento da emissão de estudantes para os países desenvolvidos e a compra de produtos educacionais comercializados por universidades globais, observa-se que no Brasil há um desequilíbrio entre número de estudantes enviados e acolhidos nas universidades brasileiras. As instituições de ensino superior brasileiras, no que se refere aos esforços para a sua internacionalização sob o aspecto do acolhimento dos estudantes estrangeiros, poucas dispõem de uma política de internacionalização formalizada. Talvez, um dos motivos para a timidez de iniciativas de internacionalização seja justificada em razão do foco estar no importante mercado educacional nacional (setor privado) e na pós-graduação *stricto sensu* (setor público). Assim sendo, para a maioria das instituições de educação superior, a internacionalização permanece um imenso desafio (LIMA; CONTEL, 2008).

4.2 Descrição e Interpretação do Material Coletado

Entretanto, ainda que os números não sejam precisos, é crescente o número de estudantes internacionais interessados em conhecer o Brasil e a cultura de sua gente participando de algum programa de intercâmbio em universidades brasileiras. Evidências extraídas das informações confiadas pelos entrevistados corroboram essa assertiva. Entre os intercambistas entrevistados, apenas um deles havia estado no Brasil antes. Três deles foram influenciados pela pré-existência de acordos de cooperação interinstitucionais entre as

instituições de origem e de acolhida. O grupo era composto por duas garotas e três garotos, com idade que variava entre 21 e 26 anos. Dois dos cinco estudantes viviam a experiência de intercâmbio pela primeira vez. As referências sobre o Brasil e sobre a instituição de educação escolhida, a motivação para estudar no Brasil e as perspectivas quanto a um futuro retorno são evidenciadas no discurso dos entrevistados.

- * A ideia de Brasil no imaginário dos estudantes reflete o discurso da mídia, transita da visão original do País fortemente associada à região amazônica e a visão atual de um País de futuro promissor.

- *Me interessa (sic) saber como funciona o sistema financeiro do Brasil. O sonho do mundo está aqui. É aqui que as coisas acontecem.*

- *No Brasil faz calor, é parte do BRIC, tem Carnaval, sol e é longe.*

- *O Brasil é um país emergente com uma situação econômica muito boa. É diferente dos que já conheci.*

- *Antes de conhecer o Brasil eu achava que aqui era uma imensa floresta.*

- * As referências sobre a instituição de educação superior escolhida são positivas, ressaltam tradição em determinada área de conhecimento e boa infra-estrutura tecnológica.

- *Os brasileiros que eu conheci, sempre falavam que a ESPM é uma ótima escola.*

- *Eu escolhi a ESPM por que ela é uma referência em Marketing. E escolhi a ESPM de São Paulo por que talvez essa seja a cidade mais importante das América Latina.*

- *Querida uma escola especializada em Marketing e Propaganda e ouvi dizer que a ESPM era muito boa nessa área.*

- *Sou apaixonada por fotografia e soube que a ESPM tem os melhores estúdios de fotografia.*

- *A aluna da ESPM que eu conheci na minha faculdade, me falou muito bem da ESPM.*

- * A influência exercida por contatos prévios com brasileiros sobre a decisão de os estudantes internacionais escolherem o Brasil e a ESPM é presente em todas as entrevistas realizadas. O que reforça a teoria da *network*.

- *Eu tenho uma amiga que mora em Porto Alegre e estuda na ESPM, no Sul. Ela sempre me falou muito bem da faculdade.*

- *Estive no Brasil, no Rio de Janeiro, em férias e os meus amigos me indicaram a fazer um curso na ESPM de São Paulo.*

- *Conheci minha namorada, uma brasileira, num jogo de futebol. Ela estava passeando, de férias. (...) na época ela já estudava na ESPM.*

- *Quando fiz intercâmbio no IADE conheci uma brasileira que estudava na ESPM. Como o meu curso estava acabando e eu queria continuar aprendendo português, decidi vir para a ESPM.*

- *Conheci uma aluna da ESPM que estava fazendo intercâmbio na minha faculdade e ela me disse que a faculdade era muito boa, foi ela que me ajudou a encontrar um lugar para morar.*

- * As impressões sobre o Brasil são visivelmente positivas o que justifica a intenção de retornarem ao País em um futuro próximo.

- *(...) o mais incrível aqui são as pessoas. O povo é muito amigável. Eu notei que aqui as pessoas fazem parte de vários grupos. O grupo dos amigos, da família, da escola, do trabalho e elas fazem questão de manter um bom relacionamento com todos esses grupos. (...) eu gosto muito da comida brasileira, principalmente das frutas. Eu pretendo voltar ao Brasil, talvez até para morar, futuramente.*

- *O povo brasileiro está sempre feliz. É muito otimista. Mesmo que esteja em uma situação difícil sempre fala que vai dar tudo certo. Eu estou amando esse período no Brasil e quando eu puder, vou voltar.*
- *Vou voltar para o Brasil com certeza, por que o Brasil é um país ótimo e tem oportunidades interessantes. Dá para fazer dinheiro em São Paulo. A imagem do Brasil era das praias do RJ, água de coco, caipirinha... Agora vejo uma cidade cara, com pessoas que trabalham muito. Eu acho que no Brasil as pessoas trabalham muito, mas aproveitam a família, os amigos.*
- *O Brasil é um lugar muito interessante onde as pessoas são muito amigáveis. Um dia virei morar aqui.*
- *Honestamente, não pretendo voltar ao Brasil. Na Europa, todos são muito independentes. Aqui, tudo é feito em grupo e eu prefiro fazer as coisas sozinha. (...) outra coisa é que no Brasil as pessoas simplesmente dizem coisas que não pretendem cumprir e isso é muito difícil pra mim.*

O discurso dos estudantes permite afirmar que embora já houvesse algum desejo ou mesmo intenção em vir para o Brasil, a interação com os estudantes brasileiros que estudavam ou conheciam a ESPM pode ter sido determinante para a escolha da instituição. A imagem do País é outro fator que exerce alguma influência na decisão dos estudantes em mobilidade internacional.

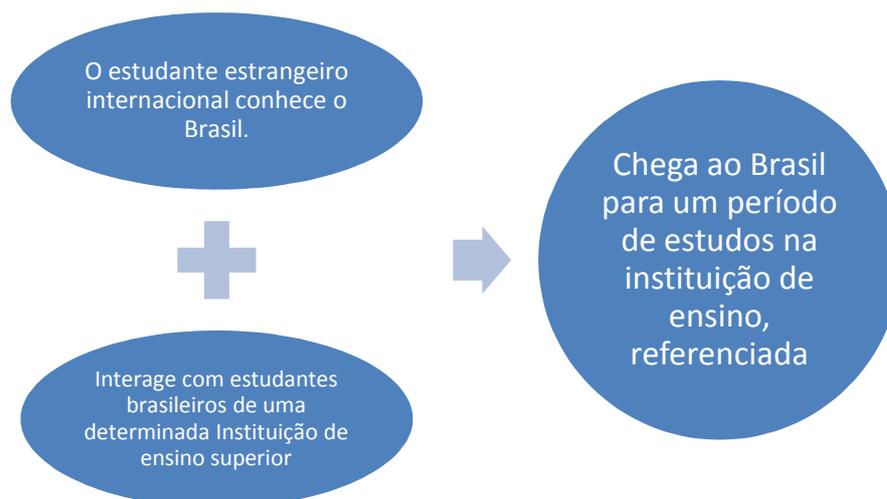


Figura 1. O percurso dos estudantes estrangeiros para a chegada ao Brasil
Fonte: As autoras

Observa-se que os estudantes brasileiros que realizam intercâmbio no exterior podem desenvolver um elo entre a instituição de origem e os estudantes da universidade que os acolhe. Mas não somente com os estudantes nativos, outros estudantes, de outras nacionalidades, vinculados a outras instituições, por ocasião do intercâmbio, podem interagir com esses brasileiros e dessa forma tomar conhecimento do Brasil, as respectivas instituições de educação superior e o diferencial dos cursos oferecidos. Esses estudantes, mais do que formarem uma frutífera rede de contatos, podem assumir uma posição de multiplicadores, ou como de ‘embaixadores do Brasil’ junto às instituições e países que os acolheram. Para a instituição de origem, beneficiar-se dessa *network* exigirá cada vez mais o desenvolvimento de competências e estrutura para atrair e acolher os estudantes estrangeiros adequadamente.

Apesar de Andersson, Forsgren e Holm (2002, p.981) pensarem as redes de relacionamento na perspectiva de uma subsidiária, suas ponderações podem contribuir para a compreensão da mobilidade acadêmica da comunidade discente internacional,

(...) refers to the extent to which a subsidiary's individual, direct relationships with customers, suppliers, competitors etc. can serve as sources of learning. An underlying idea is that actors who are strongly tied to each other are more capable of exchanging information, and therefore can learn more from each other (Mowery, Oxley, and Silverman, 1996; Uzzi, 1996; Kumar and Nti, 1998; Lane and Lubatkin, 1998; Hansen, 1999 *apud* ANDERSSON, FORSGREN; HOLM, 2002, p.981).

Nessa trilha, a convivência com estudantes estrangeiros no interior dos ambientes acadêmicos no Brasil pode imprimir uma dinâmica que contribua, de alguma forma, para a convivência multicultural entre estudantes estrangeiros e brasileiros. A capacidade dos estudantes, professores e da própria instituição de ensino superior de absorver novos conhecimentos por meio dessa convivência pode se traduzir em ganhos para todas as partes dessa *network*. Nesse sentido, o que pode ter começado com um simples contato entre os estudantes brasileiros e estrangeiros, amplia-se para os demais atores envolvidos no processo educacional. Por esse prisma, esse estudante pode se tornar um replicador, para sua *network*, da experiência vivida na instituição acolhedora, tanto do que foi positivo em sua estada quanto do que foi negativo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa investigação procurou-se explanar sobre a mobilidade dos estudantes e suas adjacências, bem como abordar a mobilidade dos estudantes sob a perspectiva da teoria de *network*. Essa teoria tem potencial de auxiliar a revelar questões ainda não discutidas pela literatura que trata da mobilidade acadêmica de natureza internacional.

Nos limites da pesquisa realizada não ficou claro o quanto os estudantes valorizam o currículo trabalhado pelas instituições brasileiras no momento de empreender uma viagem de estudo para o Brasil. Aliás, esta não parece ser uma característica dos estudantes que se dirigem para o Brasil. Esse aspecto foi identificado por Silva e Lima (2010), em recente estudo sobre os estudantes europeus que participaram do Programa ERASMUS.

Observou-se que os contatos estabelecidos podem ser determinantes no que concerne a influência na decisão em realizar um intercâmbio, em determinada instituição de ensino, localizada em determinado país. Todavia, a escolha pela instituição, embora possa ser enfaticamente recomendada, quiçá seja apenas uma consequência no processo decisório. No que tange a investigação desse grupo de intercambistas, percebe-se que havia uma pré-disposição em visitar o Brasil e esse interesse pelo País reafirma-se ao se observar o empenho por parte dos entrevistados em retornar ao País após o período de estudo. Tal interesse é compreensível quando se leva em conta a posição de destaque que o Brasil tem ocupado no cenário político e econômico internacional, em época recente.

Do ponto de vista da instituição, a vinda desses estudantes pode sinalizar o quanto seu corpo discente em mobilidade internacional tem, de forma espontânea, influenciado os estudantes estrangeiros que acolhe. Porém, da perspectiva do processo de internacionalização do ensino superior, essa influência pode incidir sobre conseqüências desejadas – a atração de estudantes – mas de forma lenta e irregular, porque acidental.

Na perspectiva de um cenário onde as políticas de internacionalização podem estar em fase de desenvolvimento, há de se atentar para ações orientadas para a formação de redes (*network*), a partir da interação de estudantes brasileiros e estrangeiros – nessa direção cabe lembrar dos recursos mobilizados pelo governo francês para alimentar a ‘Comunidade França Brasil’. Afinal, a escolha por uma instituição em detrimento de outra pode ser influenciada pela rede de relacionamentos dos estudantes. Ainda que embrionário, esse estudo pode fornecer pistas a respeito da relevância das *networks* no processo de internacionalização das instituições de ensino superior e pretende-se aprofundar a pesquisa de campo com a realização de entrevistas a um grupo mais representativo de estudantes internacionais que decidiram estudar em estabelecimentos de educação no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALTBACH, P. G.; KNIGHT, J.: *The internationalization of higher education: motivations and realities*. The NEA 2006 Almanac of Higher Education, 2006.
- ANDERSSON, U; FORSGREN, M.; HOLM, U. The strategic impact of external networks: subsidiary performance and competence development in multinational corporation. In: *Strategic Management Journal*, v. 23, p. 979-996, 2002.
- AZEVEDO, M. L. N. de. A integração dos sistemas de educação superior na Europa: de Roma a Bolonha ou da integração econômica à integração acadêmica. In: *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v.9, n. esp. P, 133-149, dez 2007.
- BATISTA, J. S. M. *O processo de internacionalização das instituições de ensino superior: um estudo de caso na Universidade Federal de Uberlândia*. 2009. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.
- BEIRÃO, P.S.L. *Internacionalização da pós-graduação e pesquisa*. Palestra proferida em 21 de junho de 2011, no 1º Encontro do Fórum de Pró-Reitores de Pós-Graduação e Pesquisa da Regional Sudeste, realizado na UFMG, Belo Horizonte.
- BORINI, F. M. et al. O prisma da internacionalização: um estudo de caso. *Faces: revista de administração*, Belo Horizonte, v. 5, n. 3, p. 42-55, set./dez. 2006.
- ESU. Bologna - At the finish line - An Account of Ten Years of European Higher Education Reform, Brussels, february 2010
- LI, M; BRAY, M. *Cross-border flows of students for higher education: Factors and motivations of mainland Chinese students in HongKong and Macau* - Higher Education - Springer Science+Business Media B.V., 2007
- FRASER, M.T.D.; GONDIM, S.M.G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre entrevista na pesquisa qualitativa, In: *Paidéia*, v.14, n.28, 2004, p.139-152.
- FRONZAGLIA, M.L. *Políticas Públicas Internacionais: o caso do Processo de Bolonha*. 2011. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, São Paulo.
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991, p. 15-66.
- GODOI, C. K.; MATTOS, P. L.C.L. de. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico In: GODOI, C.K. et al. *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais – paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 2006 – p.301-323.
- GARCÍA-GUADILLA, C. Complejidades de la globalización e internacionalización de la educación superior interrogantes para América Latina. *Cuadernos del Cendes*, vol. 22, n. 58, jan.abr. 2005. p.1-22.
- IANNI, O. *Teorias da globalização*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p.249.

KNIGHT, J. “An Internationalization Model: Responding to New Realities and Challenges”, In: de Wit. H. et al. *Higher education in latin America: the international dimension*. The World Bank. Washington, DC. USA, 2005. - p. 1-39

LIMA, M.C.; CONTEL, F. B. Características Atuais das Políticas de Internacionalização das Instituições de Educação Superior no Brasil. *Revista e-Curriculum*, vol. 3, n. 2, junho, 2008, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=76613007002>

____; MARANHÃO, C. M. S. de A. O sistema de educação superior mundial: Entre a internacionalização ativa e passiva. *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, SP, vol. 14, n.3, p. 583-610, nov. 2009.

LUCCHESI, M. A. S. *A internacionalização da educação superior na América Latina: desafios e perspectiva*. In: Congresso Iberoamericano de educação Metas 2021- Um congresso para que pensemos entre todos la educacion que queremos – 13,14 e 15 de setembro de 2010, Buenos Aires, República Argentina.

MARIOTTO, F.L. *Estratégia internacional da empresa*. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

MAZZA, D. Intercâmbios acadêmicos internacionais: Bolsas CAPES, CNPQ e FAPESP. *Cadernos de Pesquisa*, vol.39, n. 137, p.521-547, mai/ago. 2009.

NOGUEIRA, M. A.; AGUIAR, A. M. de S.; RAMOS, V. C. C. *Fronteiras desafiadas: a internacionalização das experiências escolares*. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 29, n. 103, p. 355-376, maio/ago. 2008. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

OCDE. *Education at a glance 2010: OECD Indicators*. Paris: OECD, 2010.

____. Highlights from Education at a Glance 2010, OECD Indicators. Paris:OECD, 2008.

QIANG, Zha; *Internationalization of Higher Education: towards a conceptual framework* - Ontario Institute for Studies in Education, University of Toronto, Canada - Policy Futures in Education, vol. 1, n.2, 2003.

VIEIRA, R. D. *Estudantes brasileiros na França: Competência intercultural e ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Um estudo de caso*. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RAMOS, A. G. *A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1981.

SILVA, C. C. dos S.; LIMA, M. C. *O programa Erasmus: entre o discurso oficial e a leitura crítica dos estudantes*. In: V SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO E MARKETING VII CONGRESSO DE ADMINISTRAÇÃO DA ESPM, 13 e 14 de outubro 2010, São Paulo, *Anais...* São Paulo, 2010.

UNESCO. *Compendio Mundial de la Educación 2009*- Instituto de Estadística de la UNESCO, 2009.